

O SEGREDO DA ÁGUA, PALAVRA DE DEUS

Marcelo Barros

“No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava deserta e vazia. As trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus, ventania poderosa, pairava sobre as águas”. Apesar da Bíblia começar com este poema, desde a segunda metade do século XX, intelectuais de renome acusam a Bíblia e sua herança judaico-cristã de ser, em grande parte, responsáveis pela destruição do planeta e pelo descaso e desamor com que a civilização moderna trata a terra e a água. A crise ecológica seria consequência de uma concepção bíblica que fala do ser humano como senhor do universo e lhe dá poder para dominar a terra e explorá-la, ao invés de se relacionar amorosamente com ela¹.

De fato, não podemos negar que as Igrejas cristãs, muitas vezes, atreladas ao poder vigente, foram quase sempre coniventes com o colonialismo e todas as suas consequências, assim como não criticaram a arrogância capitalista que vê tudo como mercadoria para compra e venda. Só nas últimas décadas, uma nova leitura bíblica surgida a partir do povo pobre, solidária com as lutas das mulheres e em comunhão com as religiões autóctones, tem conseguido desenvolver uma teologia da Palavra de Deus, presente na criação e manifestada na terra, na água e em todo ser vivo.

Um primeiro elemento necessário para contemplar este mistério da Palavra na terra e na água e conseguir, de algum modo, testemunhá-lo é desenvolver uma veia poética e mística que valorize mais os salmos, poemas e tradições culturais do povo, prestar mais atenção aos símbolos e mensagens de amor contidos nos termos da aliança que faz da água um dos principais elementos de sua comunicação.

Para ver como a água é fundamental na aliança bíblica basta lembrar que o termo *água* parece 582 vezes no primeiro testamento e cerca de 80 vezes no Novo. E sem falar nos equivalentes de água como mar, rio, poços, fontes, mananciais, chuvas, torrentes e assim por diante.

Para quem segue o método de estudo e leitura da Bíblia que, a partir do Cebi, no Brasil, desenvolveu-se por toda a América Latina, o modo de aprofundar a revelação bíblica sobre um assunto como este da água não pode ser tratar a água como um verbete de dicionário bíblico, um “tema” teórico, isolado da história, para construir uma tese. O melhor método parece ser olhar como vai aparecendo na Bíblia a questão da água, a partir da história do povo e dos textos decorrentes da experiência de vida das comunidades. Como a história não caminha linearmente, este caminho é mais difícil, principalmente para ser desenvolvido em um artigo de poucas páginas. Alguns elementos

1. WHITE, Linn, “The historical Roots of our Ecologic Crisis”, *Science* 115, março 1967, p. 1203-1207. HORKHEIMER, M., *Eclisse della ragione*, Torino, Einaudi, 1969, p. 93, cit. por RIZZI, A., in *Teologia dell’ Ecologia*, Roma, Ed. Ave, 1992, p. 46.

que aqui escrevo, retomo do meu livro *O Espírito vem pelas Águas*² e outros, vou descobrindo cada vez que medito o tema para um artigo como este.

O povo de Israel e as culturas vizinhas

A Bíblia se compõe de tradições independentes e quase contrárias que, pouco a pouco, vão se ajustando e se completando umas às outras. Nessa composição de histórias e tradições, a história do êxodo se tornou a referência central. Todas as tribos, mesmo as que nunca foram ao Egito, se reconheceram na história de algumas que tinham fugido da escravidão do faraó. Este acontecimento do êxodo tornou-se a base da fé de todo o povo de Israel. “Deus nos tirou do Egito e fez conosco uma aliança no Monte Sinai”.

O livro do Êxodo contém histórias vindas do Egito com a presença forte do rio Nilo. O próprio nome *Moisés* quer dizer *salvo das águas*. A libertação dos hebreus se deu através de sinais como a água do rio que se tornou vermelha como sangue, uma praga de gafanhotos, de rãs, mar que se abriu em dois e outros sinais próprios de uma cultura ribeirinha.

Mesmo as tradições do deserto que não conheciam a história do Mar Vermelho (Ex 14) e contavam a respeito da sarça ardente, do Sinai, etc., salientaram que, para ter liderança, Moisés precisou garantir água para o povo beber. A liderança dos patriarcas, juízes e profetas dependia da capacidade da pessoa de garantir a água para o povo beber. Por isso, Moisés enfrentou uma crise para ser aceito como líder do povo. Foi uma questão ligada à água. Moisés disse ao povo que a comunidade punha em dúvida a Deus e não a ele, pelo fato de exigir água do líder. E feriu a rocha e desta saiu água para saciar a sede de Israel (Ex 17,1-7; Nm 20,1-13). De acordo com a Bíblia, esta foi a primeira provação ou tentação de Israel no deserto.

A revelação de Deus como compaixão libertadora foi gradual e progressiva. No início, alguns clãs do Oriente acreditavam na divindade das águas. Os profetas nunca aceitaram dizer: “a água é uma divindade”, mas muitos textos bíblicos falam da água como lugar de forte manifestação divina. Chegam a dizer: “Tu, Senhor, és para nós fonte de água viva” (Jr 2).

Historicamente, a base da unidade do povo e da aliança com Deus foi a conquista da terra que a fé lhes tinha dito ser dom de Deus. Crer em Deus se concretizava pelo esforço de conquistar a terra. A relação com Deus tinha como primeira mediação a posse da terra: um território em grande parte árido e com pouca água. Por isso, a posse da terra dependia da posse dos poços e fontes de água.

2. BARROS, Marcelo, *O Espírito vem pelas Águas*, São Leopoldo; Goiás, Cebi; Rede; 2002; 2 ed., São Paulo; Goiás, Loyola; Rede, 2003.

O mistério dos poços

Em uma região árida como a terra da Bíblia, cada fonte, cada olho d'água, é quase um milagre. Toda fonte é sinal forte da bênção divina, um presente de seu amor. No tempo antigo, o povo venerava as fontes como algo divino. Cada fonte tinha um espírito divino que dava a fonte ao povo e podia ser ali adorado. Muitas localidades bíblicas tiveram origem em uma fonte e começam por *ein*, ou *ayin*, que, em hebraico como em árabe, significa fonte. Assim, o lugar em que Gedeão seleciona suas tropas se chama Ein Harod (Jz 7). A Bíblia conta que Davi se esconde do rei Saul nas margens do Mar Morto em Ein Guedi (1Sm 24). Adonias tenta suceder seu pai Davi em Ein Roguel (1Rs 1,9). No Novo Testamento, João batiza em Aenon na Samaria (Jo 3,23).

O povo que entendia a água como elemento divino ou lugar da manifestação divina rapidamente compreendeu que existem águas benéficas e águas destruidoras. Estas águas, tanto “as de baixo” que vêm da terra, como “as do alto” que descem da chuva, são boas, em oposição às águas do mar e do abismo. Estas fontes fazem parte da promessa de Deus para o seu povo: “O Senhor teu Deus te fará entrar em uma terra cheia de torrentes, de fontes e de águas subterrâneas que jorram na planície e na montanha...” (Dt 8,7-8).

A fonte é natural. O poço é furado para encontrar uma fonte subterrânea ou lençol de água. O Gênesis conta a história de poços importantes para o rebanho e para a cultura do Negueb (Gn 26,19-22). O poço de Beer Sheba tinha mais de 40 metros de fundura e o da Samaritana atingia 46 metros.

Por compreender os poços como sinais da presença de Deus, os patriarcas faziam dos poços lugares das alianças seladas em nome de Deus. Era em redor dos poços que se acertavam os casamentos. As matriarcas de Israel casaram por causa de um poço. Rebeca foi pedida em casamento por Isaac na beira de um poço (Gn 24,11-29), Raquel conheceu seu marido Jacó na beira de um poço (Gn 29). Também Séfora conheceu Moisés e começou a namorar com ele à margem de um poço (Ex 2,16-20).

Conforme a Bíblia, à beira de um poço, Deus fez uma aliança de proteção e amor também com o povo árabe. E a tradição deste poço é venerada pelos judeus, pelos cristãos e pelos islamitas. “Do céu, o anjo de Deus disse a Agar: ‘Que tens, Agar? Não tenhas medo! Deus ouviu a voz do menino, no lugar em que ele está. Levanta-te e toma o teu filho, porque farei dele uma grande nação’. Deus lhe abriu os olhos e ela viu um poço. Foi encher de água o pote e deu de beber ao menino. Deus estava com o menino, que cresceu e, morando no deserto, tornou-se flecheiro” (Gn 21,13-20).

Conforme o 4º Evangelho, na beira do poço, a samaritana diz a Jesus: “Serias maior do que o nosso patriarca Jacó que nos deu esse poço do qual ele mesmo bebeu e assim os seus filhos?” Provavelmente, ela se referia a uma tradição judaica que comentava o texto do Gênesis 26. Contava que Jacó, no tempo em que partiu de Bersabéia, tinha feito cinco milagres. “O quarto desses milagres foi que a água jorrou e o poço transbordou, continuando assim por todo o tempo em que o patriarca esteve em Harã”.

Os poços e as mulheres

Na Bíblia, desde que falamos em poços, devemos nos referir à presença feminina. Nas mais antigas tradições bíblicas, poço era lugar de mulher. Os homens iam ao campo para plantar ou cuidar dos rebanhos. As mulheres iam buscar água no poço para fazer comida e cuidar das coisas de casa. Em culturas nas quais as mulheres vivem mais em casa, os poços são quase os únicos lugares públicos onde as mulheres exercem certa liderança social e têm seu espaço de participação. Como os poços eram símbolos do amor de Deus, eram associados à presença da mulher na família, na aldeia e no meio do povo. Já houve quem na psicologia, associasse sonhos com poço à feminilidade e à sexualidade da mulher. Na Bíblia, isso não aparece explicitamente, mas é muito presente nos relatos em torno de poço e nas imagens poéticas que associa “a virgem, filha de Israel” – modo de falar do povo – com o poço que dá água e garante a vida de todos. O texto poético mais claro sobre isso é do Cântico dos Cânticos: “Minha irmã, minha noiva, você é um jardim bem fechado, uma fonte selada. (...) Fonte dos jardins, poço de águas vivas... (Ct 4,12-15).

Uma outra tradição associa o poço à lei de Deus, também simbolizada com a noiva de Israel. Um texto de Qumrã diz textualmente: “O poço é a Lei. Quem cava o poço é o convertido da casa de Israel”. Esta tradição é muito antiga e está ligada ao livro dos Números: “Eles foram a Béer (palavra que, em hebraico, quer dizer: poço). A respeito desse poço, o Senhor tinha dito a Moisés: “Reúne o povo e eu lhe darei água. Então Israel cantou este cântico sobre o poço: ‘Cantem, o poço que os príncipes cavaram, os chefes do povo furaram, com o cetro e seus bastões’” (Nm 21,16-18).

A presença da água do Jordão e de algumas fontes que para ele correm e a brandura dos invernos fez com que, desde tempos muito remotos, o ser humano se fixou naquela região. No vale do Jordão, há os mais antigos sinais de artesanato nas pedras e fósseis humanos de todo o Oriente. Os cientistas crêem que o *homo erectus*, vindo da África Oriental, estabeleceu-se no vale do Jordão, há um milhão e 400 mil anos. Os resquícios arqueológicos das primeiras cidades e as primeiras casas em Jericó, Malla-ha e Wadi Hammeh têm 10 mil anos³.

No lugar em que o rio deixa o lago de Genesaré, a arqueologia descobriu em Kirbet Kerah, restos de ocupação datando do final do 4º milenário antes de nossa era. A literatura judaica tardia (como o Talmud) chama este lugar Beth-Yerah, cujo significado é “Templo da Lua”. A 10 km do Mar Morto, uma fonte perene garantiu a vida da população desde muito antigamente. Ao menos, desde a época neolítica, a cidade se desenvolveu como uma fortaleza em torno de uma alta torre, provavelmente cultural. Uma possível etimologia da palavra Jericó, o terminal *ô*, como Akô, Jaffô tem parentesco com o termo lua (*yrh*). Talvez, muito antigamente, o vale do Jordão era todo consagrado ao culto lunar, ligado à água. Naquela região, o vale do Jordão é o único lugar onde a água é abundante. É normal que tenha sido lugar de culto lunar.

3. SANLAVILLE, Paul, *Berceau de l’homme au Proche Orient*, in: Le Monde de la Bible, 65, juillet-aout 1990, p. 7.

Uma das mais antigas tradições bíblicas diz que o rio Jordão se abriu para que os hebreus, portadores da arca da aliança de Deus com o seu povo, passassem a pé enxuto (Js 3–4). Para comemorar esta travessia, o povo tomou pedras do Jordão e levou-as de Sittim (em hebraico Acácias) a Guilgal (círculo de pedras). Provavelmente, os sacerdotes de Jerusalém, santuário onde ficava a arca, espalharam outra tradição, segundo a qual o círculo de pedras que era o orgulho do santuário de Guilgal ficava no meio do rio Jordão, submerso pelas águas do rio (Js 4,9.20). As pedras da aliança entre Deus e o povo estão submersas no meio do Jordão que se torna, então, o rio da passagem à libertação e da memória da aliança que aquelas pedras no fundo do rio significam.

Um povo salvo através das águas

As tradições mais antigas descrevem a água como meio através do qual o povo bíblico pôde libertar-se e conquistar a terra. Já comentamos o relato mais primitivo da travessia do rio Jordão a pé enxuto (Js 3). O mesmo relato foi re-escrito, ampliado e aprofundado por outras tradições. O Êxodo conta que o mesmo milagre ocorreu com todo o povo fugido do Egito, quando devia escapar do exército do faraó, entrando nas águas do Mar Vermelho. As águas se abriram para o povo de Deus. O Espírito soprou durante toda a noite e fez o povo passar pelo mar a pé enxuto (Ex 14). Através desse batismo, as tribos dos hebreus se organizaram como povo livre. Pelas águas do Mar Vermelho, Deus liberta o povo da escravidão do Egito e pelas águas do rio Jordão, dá-se a conquista da terra. Moisés e Miriam agradecem a Deus em um dos primeiros salmos da Bíblia (Ex 15). O relato da passagem do Mar Vermelho é também uma narrativa fundadora. Parece aludir à tragédia de toda vida humana, acuada entre o risco de uma natureza não controlável e o perigo da sociedade humana opressora. Em muitas regiões, diante de situações assim, o povo diz: “Se ficar o bicho pega, se correr, o bicho come!” E o texto do Êxodo 14 diz que o Senhor manda os filhos de Israel (ou historicamente hebreus) “penetrarem no coração do mar, andando em terra seca”. A alusão é evidente: de novo e para o seu povo, Deus separa o mar da terra seca, como no terceiro dia da criação. A libertação do Êxodo é para o povo hebreu uma nova criação. Para os egípcios, não. As águas se confundirão de novo e eles morrerão. A água é para uns sinal e instrumento de vida e para outros, causa de morte. Isso é celebrado poeticamente pelo povo em salmos como o 77, o 114 e outros. “Que tens, ó mar, para fugires? E tu, Jordão, por que recuas? (...) O Senhor muda o rochedo em lago e a rocha em fontes de água” (Sl 114,5.7-8).

No tempo dos patriarcas

No tempo em que os clãs de hebreus formaram o povo de Israel, as tribos eram governadas por juízes e líderes comunitários provisórios. A conquista da terra se deu pouco a pouco, em um lento processo de incorporação da população e através de alguns conflitos. Quem lê o livro dos Juízes pode perceber que, muitas vezes, se faz alusão à posse das fontes. Casamentos e alianças entre tribos se davam através da posse das fontes (Jz 1,15). Gedeão precisou escolher entre os milhares de homens que se

apresentaram para acompanhá-lo à luta aqueles que, de fato, deveriam ser seus guerreiros. O Senhor mandou distinguir os que deveriam ir com ele dos que seriam dispensados pelo modo de beberem na fonte. Foram aceitos os 300 homens que beberam água do rio diretamente, sem levar a água nas mãos até a boca (Jz 4–5). Quando queriam dizer que um homem recuperou forças ou se tornou mais capaz, dizia-se que ele bebeu da fonte e partiu para lutar. Sansão bebeu da fonte de En Hacore e esta água o revigoreou (cf. 1Sm 15,19). Saul encontrou o juiz e profeta Samuel que o ungiu rei de Israel através de um encontro com moças junto às fontes de águas (1Sm 9). Davi tornou-se, de fato, rei de todo o país quando conquistou Raba, a cidade das águas (cf. 2Sm 12,27).

As tribos conheciam um antigo “Cântico do poço”, canção feita para se descobrir poços na terra árida. Fazia parte dos cultos mágicos do tempo pré-israelita. Para incorporar este cântico à sua tradição como Palavra de Deus, as comunidades contaram que o povo hebreu o cantou na caminhada pelo deserto quando Deus, através de Moisés, garantiu água para saciar a sede do povo acampado. Prestem atenção na letra como parece fórmula mágica: “Brotá, poço, brota! Cantem para ele (poço). Poço que príncipes cavaram e chefes do povo abriram com cetros e bastões” (Nm 21,17-18).

Projeto de Deus, projeto dos reis

Mais ou menos pelo ano 1025, por pressões das investidas militares dos filisteus e por influência de povos vizinhos, Israel adotou um governo monárquico com poder centralizado e economia baseada em tributos. Uma verdadeira centralização administrativa só se realizaria plenamente no reino de Salomão e durante o reino de poucos monarcas do sul (por exemplo, Atalia) e do norte (Jeroboão II e Acaz). A maioria dos profetas se opuseram. Viram a monarquia como traição ao projeto da unidade do povo e às exigências de justiça social reveladas por Deus no Código da Aliança.

Quase sempre no Oriente Antigo, o poder do rei estava ligado à sua capacidade de controlar as fontes de água e fazer aquedutos para garantir a provisão das cidades. Tendo em suas mãos o abastecimento de água de Jerusalém, sede do reino jebuseu, Davi conquistou a cidade e a tornou capital de Judá. Quando Salomão construiu o templo de Deus, ao lado do altar, construiu uma fonte. Esta água garantia a limpeza após os sacrifícios de animais. Mas não se tratava apenas de algo útil. A fonte revelava Deus como fonte de vida e de fecundidade.

Para quem vivia na terra de Israel nos tempos bíblicos, um desafio terrível era a permanente dependência das chuvas. Se estas faltavam, a pouca proporção de terra fértil que tinham em Judá ainda diminuía e as colheitas eram prejudicadas. Nos antigos cultos cananeus, o povo pedia chuva a Baal e Astarté, o casal divino, responsável pela fecundidade da terra e pelas águas benfazejas. Os profetas condenam este culto. Pelo século VII, o povo do norte conheceu os “jardins de Adônis” e os cultos do Oriente para obter chuvas. Os profetas diziam: “É nosso Deus que, fiel à sua aliança, nos dará a chuva para a terra” (cf. Os 6,1-6; 11,1ss).

Em Jerusalém, o templo passou a representar a ligação entre o céu e a terra. Era lá que se deveria obter a chuva como sinal da bênção divina ou recompensa da fidelidade

à aliança (comparar 1Rs 8,35-36; 2Cr 7,26-27 com 1Rs 17,2ss). Uma das funções do templo era garantir ao povo as bênçãos de Deus através das chuvas. Por isso, um modo dos profetas lutarem contra o poder dos sacerdotes era mostrando que eles tinham controle sobre a chuva. No reino do norte, Elias provou que quem controlava a chuva e a seca era o Senhor e não Baal e nem mesmo o templo de Jerusalém (1Rs 17). O profeta recebeu a palavra de Deus para controlar a chuva (1Rs 18,41-45). E os reis e sacerdotes o temeram. Era normal que o povo pensasse: “Para que, então, um templo no reino do sul, se já existe um Elias no norte?”⁴. A relação do profeta ou profetisa com a água era garantia de que ele era uma pessoa de Deus.

A invasão dos impérios como dilúvio que arrasa a terra

A lenda de uma inundação que destrói a vida na terra é comum a muitos povos antigos. A Bíblia a assumiu, mas dando-lhe um novo significado. Os profetas usam a imagem das águas que inundam uma região para falar do castigo de Deus contra a injustiça da sociedade e também para interpretar a invasão de nações estrangeiras. Já o profeta Oséias denuncia: “Os chefes de Judá são como fazendeiros que roubam terras dos lavradores. Sobre eles eu derramo a água da minha ira” (Os 5,10). “Samaria desaparece com seu rei como um graveto arrastado pela água” (Os 10,7). Jeremias segue a mesma tradição: “Quem é esse que sobe como o rio Nilo e como um rio de águas agitadas? É o Egito que sobe como uma inundação e diz: Vou subir e cobrir a terra. Vou arrasar cidades com todos os seus habitantes” (Jr 46,8). O profeta compara a invasão dos assírios contra os filisteus com uma inundação terrível: “Assim diz o Senhor: Olhe para as águas que se avolumam no Norte. Elas se tornam torrente que transborda, alagando o país e tudo o que nele existe, as cidades e seus habitantes...” (47,2).

Nas profecias agrupadas em torno do anúncio do Emanuel, nova esperança para o reino de Judá, o profeta transmite como palavra de Deus o seguinte oráculo: “Já que este povo desprezou a água de Siloé, que corre mansa, apavorado com a arrogância de Rasin e do filho de Romelias, o Senhor vai trazer para eles as águas torrenciais do Eufrates, torrenciais e impetuosas (o rei da Assíria e todo o seu exército). Elas transbordam por todas as margens, invadem Judá, o inundam e lhes sobem até o pescoço. Suas asas abertas cobrirão toda a extensão da sua terra, ó Deus conosco!” (Is 8,6-8).

Aí está formada a imagem de um dilúvio, provocado por Deus. Trata-se da invasão assíria ou dos reis de Damasco e Samaria (coalizão sírio-efraimita). A mesma imagem da invasão estrangeira como dilúvio aparece em Is 30,25. Provavelmente, quando os assírios que sitiavam Jerusalém (701 aC) tiveram de fugir, o profeta viu que Deus domina o dilúvio. Como diz o salmo 29: “Deus reina sobre as águas torrenciais. Deus se assenta sobre o dilúvio”. “O tumulto de povos numerosos, qual barulho das ondas do mar, o alarido das nações ecoa como estrondo de águas tumultuosas. O alarido das nações ecoa como estrondo de muitas águas. No entanto, o Senhor as ameaça e elas fogem para longe” (Sl 17,12-13). “Os ímpios parecem mar agitado que nunca

4. CROSSAN, John D., *O Jesus Histórico*, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 2^a ed., 1994, p. 174-178.

pode acalmar-se e as águas que agitam é lama e lodo. Para os ímpios não existe paz, diz o meu Deus” (Is 57,20-21).

A Bíblia fala do dilúvio para referir-se à invasão e conquista dos impérios da época. Para não parecer que os opressores são mais fortes do que Deus, os profetas interpretam o cativo como aceito por Deus como forma de castigar e educar seu povo. Era então normal que falassem do dilúvio como um ato divino. Teria sido uma reação de Deus ao descumprimento da aliança por parte da humanidade.

A descrição do dilúvio no Gênesis parece um relato da criação às avessas. Na criação o Gênesis diz que, pela separação das águas, Deus dominou as águas ameaçadoras e venceu o caos (*tohu-bohu*). Agora, o universo se descontrola, as águas saem de seus limites e se misturam, como antes da criação. A experiência do exílio se torna cósmica. A própria criação se rebela. Como se a natureza se encarregasse de julgar a humanidade e decidisse limpar, lavar a terra de toda a maldade e corrupção. Uwe Wegner tem razão quando escreve: “Os contextos bíblicos em que mais aparecem referências a crises ecológicas são nitidamente contextos de juízo (julgamento)”⁵.

Do dilúvio, aparece, entretanto, uma mensagem de esperança. O modo como a Bíblia conta o dilúvio (Gn 6–9) revela que, mesmo da catástrofe mais terrível, sempre Deus faz subsistir uma chama de vida nova e de recomeço do universo e da humanidade. No Novo Testamento, o batismo é visto como sinal desta humanidade renovada. Assim, escreve o autor da 1ª carta de Pedro: “Nos dias de Noé, a paciência de Deus esperou enquanto se preparava a arca. Nela, poucas pessoas, isto é, oito, se salvaram através das águas. Esta água é também figura do batismo que vos salva” (1Pd 3,20).

A criação nasce das águas

A partir da volta do cativo, as comunidades de Israel começam a contemplar Deus como energia criadora, capaz de restaurar o seu povo e de refazer a aliança. No cativo tinha surgido o relato que hoje está na primeira página da Bíblia. Completam-se as primeiras tradições da origem do mundo.

O Gênesis diz que, no princípio, havia as águas do abismo, desorganizadas e tenebrosas, de onde nenhuma vida surgia. Mas o sopro de Deus pairava sobre as águas e o universo foi criado. Deus separou as águas do céu e as do abismo. Venceu o caos (*tohu-wabohu*), organizando as águas, separando as águas de cima do firmamento das águas que estão abaixo da terra. Como uma luta de divindades na qual Deus venceu e impôs às águas um limite, para que existisse terra firme e a humanidade pudesse viver sem medo do dilúvio.

“As comunidades que escreveram as primeiras páginas da Bíblia revelam: a terra era concebida como um gigantesco oceano, coberto de escuridão. Mas, o relato é diferente do mito babilônico da criação. Para a Bíblia, o caos primordial não é um monstro personificado (como Tiamat, deusa da Babilônia), um poder divino. A Bíblia é mais

5. WEGNER, Uwe. *Bíblia e Ecologia*, São Leopoldo, Cebi, 1992, p. 35 (Série: A Palavra na Vida, v. 53/54).

otimista. O princípio da criação é um ato de Deus. A *ruah* de Deus (seu Espírito) é apresentada como uma mãe-pássaro gigante, cujas asas moviam-se suavemente, dando vida e harmonia ao universo. (...) A discrepância entre a clareza e a paz deste conceito de criação e a suja e ruidosa criação poluidora de hoje (do sistema capitalista atual) é constrangedora”⁶.

Na concepção bíblica, a natureza não é algo natural ou existente por si mesma. É criação de Deus. Toda a criação e a história vivida por Israel estão em total dependência de Deus. Portanto, tudo o que existe, coisas, pessoas e acontecimentos, podem ser sinais da presença divina. Deus se revela como amor em sua criação e nela favorece tudo o que vive. Da aliança de Deus com a humanidade e a criação (Gn 9,9) derivam os direitos humanos e da natureza.

Como a criação está ligada à revelação de Deus e à sua lei, na mística bíblica, a lei de Deus aparece como água que sacia a sede e purifica quem bebe. Vários salmos trazem este simbolismo: as águas do Espírito de Deus.

Jesus e as águas do Espírito

Nos anos 70 de nossa era, o Evangelho de Marcos tenta responder à pergunta: “Quem é Jesus?” É aquele que testemunha e traz para nós o Reino de Deus. Este evangelho começou com a figura de João Batista, o profeta que se chama assim porque refaz no rio Jordão um rito de purificação que atrai multidões buscando uma vida melhor. No capítulo 4, refaz uma história que vem de outras culturas e se baseia em uma lenda de luta entre Deus e as águas. Conforme o texto, Jesus tem de explicar que o Reino de Deus vem aos poucos como semente e não se manifesta logo com força. Depois, para contrabalançar, o texto retoma a tradição oral sobre o conflito entre o Messias e as potências das águas. No início, o mar aparece como um caminho que ajuda as pessoas a se deslocarem de um lado a outro. Disse Jesus: “passemos à outra margem”. De repente, à noite, o mar se manifesta como o domínio das forças inimigas que o povo sempre temeu, desde quando Deus domou as águas primordiais na criação. Jesus conversa com as águas furiosas, como alguém fala a um ser vivo e inteligente. Mandou o vento parar e o mar acalmar-se. E o texto diz: “tudo ficou calmo”. As pessoas se perguntaram: “Quem é este a quem até o mar e o vento obedecem?” (Mc 4,35-41).

É uma tradição semelhante às histórias de pescas milagrosas. O profeta Ezequiel havia prometido que uma fonte jorraria do novo templo do Messias e suas águas tornariam fecundo o Mar Morto. Onde não se encontrava pesca, de repente, as águas se tornam piscosas (Ez 47). Lucas conta que Jesus chamou alguns de seus discípulos para segui-lo, a partir de uma pesca milagrosa (Lc 5,1-11) e o 4º Evangelho reproduz um episódio semelhante em seu capítulo final, como uma manifestação do Cristo Ressuscitado na Galiléia, chamando de novo os discípulos à missão (Jo 21).

6. SCHOTTROFF, Luise. “A narrativa da Criação – Gn 1,1–2,4”. In: BRENNER, Athalya (ed.), *Gênesis, a partir de uma leitura de gênero*, São Paulo, Ed. Paulinas, 2000, p. 27ss.

Conforme o 4º Evangelho, por ocasião de uma celebração com água, no último dia da festa das Tendias, diz Jesus: “Se alguém tiver sede, venha a mim e beba quem crê em mim. Como diz a Escritura: ‘do seu seio (do Messias) jorrarão rios de água viva’”. O Evangelho comenta que ele se referia ao Espírito Santo que haveriam de receber todas as pessoas que nele cressem (Jo 7,37-39).

Jesus interpretou a sua paixão e morte na cruz como um batismo (Mc 10,38; Lc 12,50). “Este é aquele que veio pela água e pelo sangue, isto é, Jesus Cristo. Não veio só pela água, mas pela água e pelo sangue” (1Jo 5,6). Na véspera de sua morte, na ceia em que manifestou todo o amor pelos seus, quis lavar os pés dos discípulos. Pedro não compreendeu. Pensou tratar-se de um rito de ablução. Jesus lhe explicou: “Não se trata disso. Vocês não precisam limpar-se”. Pedro percebe que não é apenas um rito. É um gesto concreto de serviço do escravo ao seu senhor. Reage protestando: “Nunca permitirei que me laves os pés”. E Jesus lhe deixa claro: “Se eu não te lavar, não terás parte comigo”. Pedro lhe responde: “Então, não laves somente os pés, mas também as mãos e a cabeça” (Jo 13).

Aí não se trata mais de ritual, nem de simbolismo. O lavar os pés se torna gesto de entrega de vida. É ainda o 4º Evangelho o único que frisa: após a morte de Jesus na cruz, um dos soldados, com um golpe de lança, o feriu em seu lado e logo saiu sangue e água” (Jo 19,34).

O evangelista dá tanta importância a isso que garante ser testemunha do fato. A água é sinal do Espírito e da renovação espiritual que Deus quer dar a todos os crentes.

A vitória de Cristo e a manifestação de sua vinda restauram a criação e reconcilia campo e cidade. Na nova Jerusalém, há um rio de águas vivas que irrigam a cidade e dão vida nova a todas as criaturas (Ap 22).

“Somos sepultados com Cristo nas águas do batismo...”

Desde o início das Igrejas cristãs, as comunidades associaram a recepção do Espírito ao rito do batismo. Paulo ensina: “Pelo batismo, somos sepultados na morte com o Cristo, para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos de modo novo” (Rm 6,4). “Com ele, Jesus, fostes sepultados no batismo, no qual também fostes ressuscitados pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos” (Cl 2,12).

Isso é o “mistério pascal”, a possibilidade de todas as pessoas participarem desse processo pelo qual passou Jesus: vencer a morte e ressuscitar para uma vida nova. Esta energia de amor e de ressurreição que atuou na pessoa de Jesus está, conforme Paulo, escondida desde sempre em Deus, no próprio ato de criar o universo (Ef 3,9).⁷ É esta energia que se expressa no universo inteiro como uma espécie de corpo cósmico do Cristo, plenitude da Criação de Deus (Cl 1,15ss). A Carta aos Colossenses fala de uma Sabedoria Cósmica, pela qual todas as coisas existem. Cristo é o mistério divino do

7. É a tese de GESCHÉ, Adolphe, *Dieu pour penser*, IV, Le Cosmos, Ed. du Cerf, 1994.

mundo. Quem honra o Cristo honra também todas as coisas criadas nele e ele em todas as coisas. O que a gente fizer à terra, faz ao próprio Cristo.

E a Bíblia se encerra com a água

A água aparece como elemento fundamental na primeira e na última página da Bíblia cristã. No Apocalipse, o anjo retoma as imagens do paraíso para falar da vida e mostra ao profeta “um rio de água viva, luzente como o cristal que sai do trono de Deus e do Cordeiro. Na metade da rua da cidade, a cada lado do rio, cresce uma árvore da vida... Quem tenha sede, venha e o que quiser, beba gratuitamente da água da vida” (Ap 22,2. 17b). Toda a promessa de felicidade no novo céu e nova terra está ligada ao simbolismo da água que se bebe. Parece o cumprimento do salmo: “Tu lhes dás de beber das torrentes de tuas delícias” (Sl 36,9b).

Em uma região árida como a terra da Bíblia, na qual a água é elemento tão fundamental para a vida, no próprio projeto de Deus a água aparece como elemento do princípio e do fim. É bem de acordo com a maioria das culturas religiosas antigas que têm a água como fonte e cume da vida. “Elas precedem toda forma de vida e sustentam a criação”.⁸

O que podemos concluir deste rápido olhar sobre como o povo da Bíblia viveu a relação com a água? A água é sinal especial e maravilhoso do amor de Deus. Merece cuidado e deve ser venerada como sinal divino. Todo ser vivo tem direito à água. Transformar a água em mercadoria é voltar aos tempos em que a água podia se tornar ídolo. No mundo atual, o melhor modo de ter com a água uma relação respeitosa e de acordo com o projeto bíblico é democratizar o uso da água como instrumento privilegiado de relação com Deus. “Quem tiver sede, venha a mim e beba gratuitamente da água da vida” (Is 55 relido por Jo 7,37).

Marcelo Barros
Email: mostecum@cultura.com.br

8. ELIADE, Mircea, *Trattato di storia delle religioni*, Edizioni Einaudi, Turim, 1957, p. 193s.